



Combatente

Ontario



Segunda Edição • Ano 2014





Maria Antónia Manguito,
*pre-planning Director do Cemitério
Glen Oaks Memorial Gardens,*

Office (905) 257-1100

Mobile (905) 483-3774

E-mail m-manguito@hotmail.com



Monumento aos Veteranos Portugueses e o jardim Português Nossa Senhora de Fátima, no Cemitério Glen Oaks está aberto para servir as famílias como a sua, que dão importância à história e à herança cultural.

Este monumento em granito foi doado pela Associação Portuguesa dos Veteranos de Guerra do Ontário.

Este pacífico local de descanso eterno foi atentamente concebido para providenciar o local ideal para honrar e celebrar a sua Fé e a sua família, para sempre. Apresentamos também um lindo Mausoleum LAST SUPPER com cripta ou nicho. Numa altura de necessidade, ou quando estiver a planear, lembre-se de GLEN OAKS MEMORIAL GARDENS.



GLEN OAKS FUNERAL HOME & CEMETERY

Por Arbor Memorial

3164 Ninth Line (Hwy 403 & Dundas St.)

Oakville (905) 257-1100 office

www.glenoaks.ca

A division of Arbor Memorial Inc.



Licenced Funeral Directors available 24hrs



MENSAGEM DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES



O Editorial da primeira edição de "Combatente-Ontário" é eloquente quanto aos objectivos a que se propõe o Núcleo da Liga dos Combatentes em Toronto,

Como Presidente da Liga dos Combatentes regozijo-me em constatar a identidade de propósitos que são expressos pelo Presidente Luís Vieira e que se sintetizam e irmanam no Grito da Liga dos Combatentes "LC, Valores Permanentes, LC, em todas as frentes" que nos vincula a todos e no lema dos Combatentes do Ontário "Sacrificados em vida, na morte respeitados"

Felicitó o Núcleo pela alta qualidade gráfica e pelo conteúdo da sua revista, através da qual faz história e estabelece contacto com os seus associados e com os Combatentes em geral

No ano em que se evocam, o centenário do início da Grande Guerra, o 96º aniversário da Batalha de La Lys, o 40º aniversário do fim da Guerra do Ultramar e do 25 de Abril, é momento para, ainda mais profundamente, nos curvamos em respeito dos que caíram, em campanha, ao serviço de Portugal e conjugarmos forças e acções para que resultem positivos os esforços que, dia a dia, fazemos na luta pela dignidade dos vivos qualquer que seja o lugar do mundo onde se encontrem

Um abraço fraterno a todos os associados do Núcleo de Toronto, Combatentes ou não, fazendo votos para que a comunidade portuguesa no Ontário compreenda os objectivos patrióticos e humanitários da Liga dos Combatentes e se junte a nós cada vez em maior número.

O Presidente da Liga dos Combatentes
General Joaquim Chito Rodrigues



Combatente
Ontario

2000 Dundas St. W.
Toronto, ON M6R 1W6
T: 416.533.2500
Barreto Cell 647.292.3828
Luis Cell 647.221.7034

E-mail: combatentes.toronto@gmail.com

Ficha Técnica

Editor

Ontario Association of
Portuguese War Veterans

Diretor

Luis Vieira

Publicidade

Luis Vieira
Manuel Barreto

Revisão de Texto

Luis Vieira
Manuel Barreto

Colaboradores

General Joaquim Chito Rodrigues
General António Gonçalves Ribeiro
José Goulart
Luis Vieira
José Mário Coelho
Tibério Branco
Manuel Barreto
Carlos Morgadinho
Artur de Jesus
José Catalarrana
Corporal Daniel Gonçalves

Paginação/Impressão

Toledo Printing + Design
1867 Davenport Road
Toronto, ON M6H 1B9
Tel. (416)588-1647
Fax (416)588-8757
toledographics@rogers.com

Nota da Redação:

Alguns artigos estão escritos em norma com o "novo acordo ortográfico da língua portuguesa". Outros, foram redigidos de concordância com as regras ortográficas anteriormente usadas. Deixamos tal detalhe à discrição de cada um dos nossos estimados colaboradores. Todos os artigos publicados são da responsabilidade dos seus autores.



Hino da

Liga dos Combatentes

Mar aberto terra ardente
Portugal em nossa frente
precisa de todos nós
é premente prosseguir
uma pátria que a sorrir
sempre evoque os seus avós

Das raízes que nós fomos
combatentes que somos
dando a eterna imagem
que dentro de nós traremos
entre dons e bens supremos
de Portugal, de Portugal
de Portugal, a coragem

A pátria por nós espera
todos somos tronco e hera
numa inteira doação
rufem heróicos tambores
seremos continuadores
da sua perpetuação

Pisemos o chão bem forte
obreiros da própria sorte
em segurança total
das luzes da nossa glória
digamos olhando a história
combatentes, combatentes
combatentes por Portugal

Obrigado
COMUNICAÇÃO
SOCIAL



Aguarela
Portuguesa

ASAS do
ATLÂNTICO



EXPRESSO
CANADA



FAMÍLIA
PORTUGUESA

Gente
da nossa

Jornal da
GENTE
The Brazilian Times





Combatente

Ontario



Editorial

Aqui estamos com mais um número da nossa revista Combatente- Ontário, passados que são 6 meses sobre a primeira Edição. A boa recepção aquele número que havíamos editado para a comemoração do primeiro ano da inauguração do nosso Monumento, cuja a edificação foi um marco não só dos Ex-combatentes, mas como se irá verificar mais tarde, (o tempo faz a história), é um marco da própria comunidade Portuguesa

Servem também estas revistas para arquivar a história e os acontecimentos deste Núcleo, especialmente através das fotos, que fomos reunindo, recorrendo aos nossos associados.

Guiados pelo entusiasmo dos nossos membros, pelo modo como temos sido aceites, e especialmente pelo apoio incondicional da Liga dos Combatentes, especialmente do seu Presidente, General Joaquim Chito Rodrigues, e do seu Secretário Geral, Coronel Lucas Hilário, este que se deslocou propositadamente a Toronto para estar connosco no jantar - convívio que anualmente fazemos, estamos a avançar, a organizarmo-nos para melhor poder-mos servir de elo de ligação entre os Associados e a Liga dos Combatentes, de modo a que o serviços desta cheguem a todos nos com a celeridade necessária

É Primavera, tempo de renascer deste longo inverno, tempo de revitalizar e reviver as nossas amizades, rever, para alguns, depois de um ano os velhos camaradas. É para isso que serve este Jantar anual, com a esperança que cá estarão todos os dos anos anteriores e talvez alguma cara nova. É preciso juntarmo-nos. Só é esquecido quem não aparece. Não deixes que te esqueçamos.

Este ano, mais precisamente no dia 4 de Fevereiro, passamos a fazer parte da ACAPO. Sensibilizou-nos profundamente o modo como fomos recebidos pelos presidentes dos Clubes e Associações, e pelo presidente da ACAPO José Estácio, admitindo-nos por aclamação. Sentimo-nos orgulhosos por fazermos parte desta grande Aliança comunitária

Neste número, agora que faz 40 anos que terminou a guerra em África, destacamos, para quem gosta de ler, e saber, um trabalho muito interessante do Sr Tenent-General António Gonçalves Ribeiro, sobre a guerra nas três frentes, desde o seu início (1961) até ao fim (1974)

Também como não podia deixar de ser neste ano que se recorda o início da 1ª guerra Mundial, também trazemos um apontamento com realce para a participação de Portugal neste conflito.

De lembrar que foi há 40 anos que se deu o 25 de Abril. Uma revolução que devolveu ao país a liberdade e a democracia e abriu-nos as portas para a Europa e para o Mundo. Quanto aos resultados, como é lógico, deixo que cada um de vós, de acordo com os vossos ideais, os julguem

A propósito, é de lembrar que no dia 8 de Junho vamos, como há 12 anos vimos fazendo, participar na parada do Dia de Portugal. Esperamos que se nos juntem. É o dia maior da Comunidade Portuguesa no Ontário.

Um das boas férias, e não deixem de nos contactar

Luis Vieira
Presidente



13 DE OUTUBRO DE 2013

Lembrando os nossos camaradas



No dia 13 de Outubro do ano passado (2013), celebramos o 1º Aniversário do nosso monumento, erigido no Glen Oaks Cemetery, com uma singela mas sentida cerimónia de homenagem a todos nossos camaradas já falecidos.

Devido à chuva a cerimónia decorreu no alpendre junto ao mausoléu. Começando com a bênção do Reverendo Padre Fernando, da paróquia de São José de Oakville, que na ocasião proferiu uma prelecção alusiva a ocasião e que a todos nos tocou profundamente. Palavras de compreensão, de amor e de reconhecimento. Aludindo também ao facto daquele dia ser o dia da Padroeira de Portugal - Nª Srª de Fátima, que também da o nome aquele talhão do cemitério, e ser também dia de Acção de Graças.

De seguida, Luís Vieira, presidente da nossa associação, proferiu uma breve atuação, que a seguir se transcreve

"Bem vindos. A Guerra, e á história de gente comum em tempos extraordinários. Este monumento, junto do qual lembramos aqueles que morreram no cumprimento do dever, lembra-nos que esses soldados NÃO são gente comum. Eles agora pertencem a história, repousam na paz e sossego do passado.

Mas, a Guerra é a história de todos nos

Daqueles que morreram, e das famílias que os amavam, Daqueles que lutaram e cujas vidas mudaram para sempre, Daqueles, como nós, os lembramos dando cumprimento ao lema inscrito neste monumento
Sacrificados em vida, respeitados na morte.

E nosso dever como ex-combatentes Não esquecer aqueles que um dia foram nossos companheiros. Não esquecer aqueles que já em tempo de paz nos deixaram. Não nos esquecer-mos, uns dos outros, aqui bem longe. Mesmo obrigados a cumprir o serviço militar, fizeram-no com bravura e dignidade. Foi um tempo da nossa vida que nos transformou. Ao ponto de dizer-mos que houve um tempo antes da tropa e tempo depois da tropa. Nesta singela homenagem não podemos esquecer as famílias dos ex-combatentes: mães, pais, irmãos, esposas, filhos, para quem aqueles tempos também foram de angustia.

Valeu a Pena? Tudo vale a pena se a Alma não é pequena.

Por tudo isto devemos levantar a cabeça e dizer sem vergonha **NOS SERVIMOS A PÁTRIA.**

Para este País que nos acolheu de braços abertos, e nos deu todas as oportunidades, também temos o dever de homenagear os seus militares, Combatentes, que também se sacrificaram em duas grandes Guerras.

No outro lado do mar milhares de jovens Canadianos deram a vida por um Mundo mais justo, e acima de tudo pela paz. E ainda hoje continuam a fazê-lo por diversas partes do mundo integrados nos capacetes azuis para a manutenção da paz.

To Canada, the country that welcomed so many of us, we also remember, the sacrifices they made, in 2 great wars and the continued sacrifices they still make, as soldiers, and as peacekeepers in the world. The Highway of Heroes was given that name for a reason. remembering the ordinary people, who made such extraordinary sacrifices.





É um grande prazer vê-los aqui todos, neste dia especial por 3 razões

- 1 É o dia do Ex-Combatente.
- 2 É o dia da Padroeira de Portugal, N^a Sr^a de Fátima
- 3 É o dia de Acção de Graças

A todos muito obrigado, e espero que todos os anos nesta data estejam aqui para relembrar "

Depois, junto do Monumento o nosso associado mais antigo e fundador da Associação, Eduardo Resendes, depositou uma coroa de flores, seguindo-se um

minuto de silencio, em memória dos falecidos, que foi evocado pelo nosso colega José Goulart, tocando numa harmónica, *Amazing Grace*.

Seguiu-se a homenagem aos vivos, ali presentes, os fundadores da associação, e que durante 12 anos a fizeram crescer e lhe deram dignidade falamos de Eduardo Resendes e José Mário Coelho a quem, como reconhecimento, lhes foi entregue uma salva de prata

Seguiu-se um convívio, com um lanche, oferecido pela Direcção do Glen Oaks.

Este ano (2014), lá estaremos no dia 11 ou 12 (a confirmar pela direcção) estando prevista a presença de membros da Liga dos Combatentes bem como outras individualidades vindas de Portugal

Comparece, não te esqueças dos teus camaradas que nós, não nos esqueceremos de ti

A Direcção



Dia 11 de Novembro

Homenagem Nacional aos Combatentes das Grandes Guerras



Como já vem sendo habitual, a presença da Associação dos Ex-Combatentes é obrigatória nesta cerimónia junto ao mural no Queen's Park. Cerimónia de grande simbolismo no Canadá, onde se presta respeito não só aos combatentes que deram a vida pela liberdade, como também aos que sobreviveram e que ainda hoje se encontram entre nós.

A Associação depôs uma coroa junto ao monumento.





FABRICO AUTORIZADO
PELO GOVERNO FEDERAL



The Finest in Portuguese & Spanish Sausages

FABRICANTE DE ENCHIDOS PARA TODO O CANADÁ.



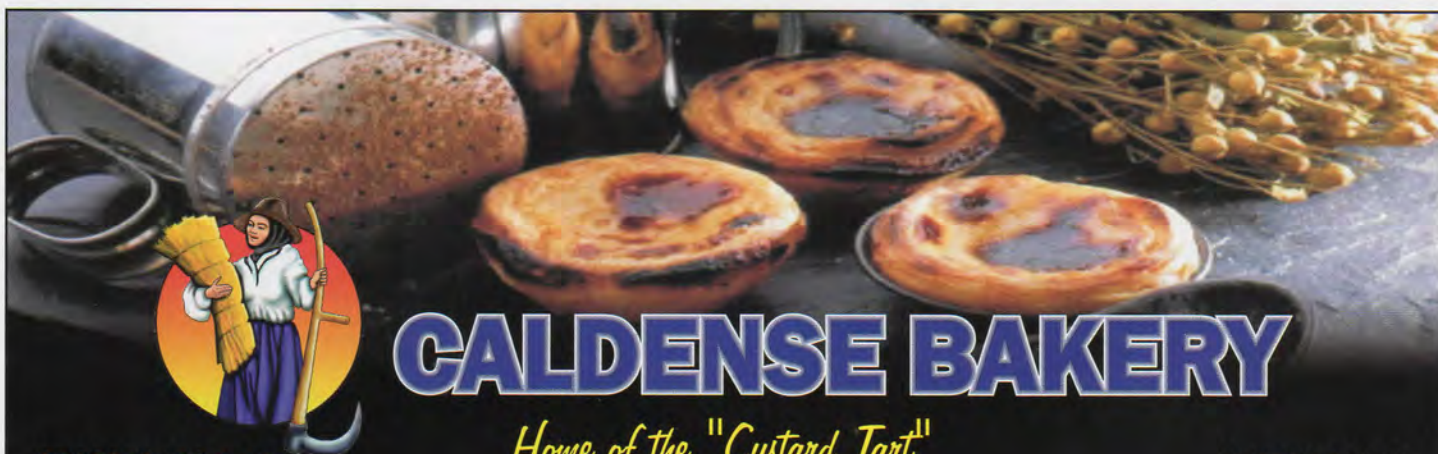
MORCELA FARINHEIRA
CHOURIÇO PAIO SALPICÃO
TOUCINHO SALAME
PRESUNTO LINGUIÇA QUEIJOS

TEL. (905) 277-0677

FAX: (905) 277-0533

www.borgesfoods.com

1831 MATTAWA AVENUE
MISSISSAUGA, ONTARIO L4X 1K7



CALDENSE BAKERY

Home of the "Custard Tart"

CROSSROADS PLAZA
2625 A Weston Rd., Unit 12
Toronto, ON M9N 3V8
Tel: (416) 245-3847

3497 Dundas St. W.
Toronto, ON M6S 2S1
Tel: (416) 761-9499

5425 Creditview Rd, Unit 14
Mississauga, ON L5V 2P3
Tel: (905) 814-0049

HEAD OFFICE:
Royce Dupont Plaza
337 Symington Avenue, Toronto, ON M6P 3X1
Tel: (416) 535-9993

1209 Dundas St. W., Toronto, ON M6J 1X3
Tel: (416) 534-3847

3651 Mjr. Mackenzie Dr., Unit E5, Vaughan, ON L4L 1A6
Tel: (905) 303-3847

WESTSIDE MALL
2406 Eglinton Ave.
Toronto, ON M6M 3X1
Tel: (416) 657-1999

802 Dundas St. W.
Toronto, ON M6J 1K3
Tel: (416) 703-3433

301 Dundas Street West
Whitby ON L1N 2M6
Tel: (905) 668-2253

www.caldensebakery.ca

A minha ida à Guerra...

Manuel Barreto



Deixem-me contar Faço-o como um jovem que, passados os primeiros tempos de estudo, orientado que foi o andamento geral da aprendizagem de ser Português para mais militar naqueles difíceis tempos. pára no tempo.

Junta papéis. Olha calendários. E entende, depois de tudo, que valeu a pena

Estávamos num dia 13 de Outubro. O ano era o de 1962. No barco, apenas 120 militares, a viajar com 1,500 civis. Naquela idade, não havia enjões nem nada que impedisse o jovem de então de desfrutar da viagem A 24 de Outubro já Luanda nos saudava, depois de termos passado pela Madeira, São Tomé e Príncipe e Ponta Negra, no Congo. Instalados no Grafanil, só por ali estivemos dois dias, já que integrados na companhia 189 do Batalhão 186, então instalado na Fazenda Liberato, que distava, em Linha recta, 1 quilómetro de Nambuanguo, fomos andando, andando sempre. na história e na vida

E não demorou muito para o meu "baptismo" de fogo. No dia 28 de Outubro, fomos atacados, no regresso ao acampamento. Como aprendera e como o instinto me ditava, coloquei-me atrás da roda do Unimog onde seguia, de onde saí apenas quando as armas, de um lado e do outro, se calaram

Não houve feridos. mas foi, de facto, o meu baptismo de fogo. Que haveria de ser mais dramático, uns

sei o que seria De resto, a odisseia haveria de prosseguir Quando chegou o transporte de mortos e feridos ao acampamento, esperava-se o transporte para o Hospital de Luanda, o que só aconteceu no dia seguinte. E imaginem o que é passar uma noite com todos aqueles feridos a gritar a plenos pulmões. Basta dizer que dois deles morreram, poucos dias depois, no hospital

O moral, assim, não era muito elevado, não. E foram muitos os que pediram para sair dali, em pleno mato, cheio de perigos de toda a ordem Um mês depois lá nos autorizaram a sair Fomos para o Morro de Cambamba, perto da Aldeia Viçosa

Por aí fizemos nós a outra fase da missão militar A provar que não éramos tão maus como muitos nos acusam Cerca de 600 africanos homens, mulheres e crianças estavam por ali. Era como que em refúgio, face aos acontecimentos militares.

Fizemos casas de adobe, abonecámos tudo aquilo.

E quando da inauguração do aldeamento. até fado houve. Nas minhas fotos, até apareço com um bebé ao colo.



dias depois, a 31 de Outubro. É que, nessa altura, um pelotão em serviço foi atacado e viu-se completamente cercado. Pediram ajuda. A Força Aérea veio. E, em terra, éramos nós que tínhamos de prestar auxílio. Antes de chegarmos ao destino, o jipão da frente rebentou uma mina e só, ali, naquele local, 5 colegas perderam a vida, enquanto se registavam também sete feridos graves. A seguir ao rebentamento, começámos todos a ser metralhados pelos "turra" (como nos habituaram a chamar aos inimigos)

No acampamento, por essa altura, estavam apenas 11 militares. E não fora a ajuda da aviação. nem



Mas adiante. que já se passara mais de um ano de todas estas peripécias.

E como por norma, depois de um ano de zona de risco, nos enviavam para o sul, onde nada de grave se passava. fiquei à espera Mas. de balde.

Mandaram-me, sim de novo, para a guerra Para uma zona de risco. E enquanto esperava para embarcar deu-se toda uma série de peripécias que ainda hei-de contar um dia Basta talvez lembrar que perdemos um transporte onde deixáramos malas e. armas. Imaginem!

Mas tudo acabou em bem Até porque, naqueles tempos, os homens eram mais. irmãos. E havia ajuda



Combatente
Ontario



At CARSTAR, we understand
that cars are more than just metal.
They are our best friends and our
workhorses. They are our
security and our freedom.
Our cars prove to us that sometimes
life isn't about the destination,
but the journey.



CARSTAR
Toronto Dovercourt
1172 Dovercourt Road
Toronto, ON M6H 2X9
(416) 536-2526
torontodovercourt@carstar.ca

CARSTAR
Mississauga Hawkestone
3575 Hawkestone Rd.
Mississauga ON L5C 2V1
(905) 897-2777
info@mississaugacarstar.ca

OPENING in MAY 2014
CARSTAR Express
Toronto Eastern
344 Eastern Ave.
Toronto, ON M4M 3G5

OPENING in MAY 2014
CARSTAR Express
Mississauga Dundas West
2292 Dundas St.
Mississauga, ON L5K 1R5

FIRST CHOICE Appliances Refrigerations



Reparações:
Fogões Electricos
Frigoríficos
Arcas Congeladoras
Máquinas de Lavar e Secar
Ar Condicionados



Instalação de:
Aquecimentos Electricos
Ar Condicionados
Humidificadores de Ar
Filtros de
Ar Electronicos

call JORGE DE JESUS

416 534-7317 • 416 605-1952



CROWN

PLUMBING & HEATING

Residencial • Comercial • Industrial

Todos os trabalhos de canalização
Aquecimentos a água quente

Orçamento Grátis Tino Antunes
504 Dufferin Street
Toronto, ON M6K 2A6

(416) 532-2989
(416) 258-5595

Batista CARPET CLEANING

Residencial • Comercial

Limpeza Profissional

Serviço de emergência 24 horas (inundações)
24 Hour emergency service for floods or sewer backup



Limpeza com máquina a
vapor móvel e montada em carrinha
Limpeza de carpetes tapetes e sofás

416-656-3163

416-826-6462

www.batistacarpetcleaning.com

O MEU BOM AMIGO "KIKO"

Por Carlos Morgadinho



É a peça de fardamento que eu mais gosto pois salvou-me a vida numa emboscada que o pelotão, que eu acompanhava, sofreu na zona da Fazenda Maria Fernanda ou para os lados do Mucondo, (a memória já me anda a falhar e já não consigo lembrar-me exactamente do sítio e muito menos da data que foi no entanto nos princípios do ano de 1964) na zona dos Dembos, ao norte da cidade de Luanda

Andava-se a dar apoio à Engenharia que desbravava e alargava com as máquinas as antigas picadas já totalmente retomadas pela selva após 4 anos do abandono das fazendas de café pelos agricultores, ou colonos. A pé não havia obstáculos mas as viaturas tinham que usar os guinchos e ligar a tracção às quatro rodas e mesmo assim era só para coisa de meia dúzia de quilómetros pois eram imensos os obstáculos com dezenas de troncos de árvores a barrarem os caminhos e que levava praticamente um dia para percorrer aquela pequena distância. Por serem quase trilhos mais fácil se tornava para os guerrilheiros de voltarem a bloqueá-la, no dia seguinte, com mais outras dezenas de árvores de grande porte e por vezes algumas minas para chatear-nos.

Esta minha "estória" que ainda hoje me parece um sonho, foi quando regressávamos à base (Maria Fernanda) ao fim dum dia de apoio e segurança às máquinas de terraplanagem

Eram 4 ou 5 horas da tarde quando em coluna de viaturas procedíamos a um reconhecimento naquela mesma estrada ao descermos um morro para de seguida voltarmos a subir outro em frente. Lá em baixo um riacho que tinha um pequeno pontão de madeira ende normalmente era sempre uma viatura sozinha que atravessava primeiro, até chegar lá acima para as outras depois a seguirem. Mas, como os guerrilheiros, naqueles meus tempos, tinham pouca experiência e tática além de grande falta de disciplina de fogo, quando abríamos fogo com as metralhadoras Breda montadas nos carros (creio que tínhamos apenas uma das pesadas) normalmente ao ouvir os tiros, o inimigo, pensando talvez, que tinham sido descobertos, ou detectados, respondiam de imediato abrindo fogo sobre nós. Fez-se isso, e não houve reacção, e cautelosamente fomos avançando. Quando a maioria das viaturas, 5 ou 6, estava na quadrícula chamada "zona de morte" foi o desencadear do dilúvio de metralha. Saltámos dos carros e colámo-nos nas depressões nas beiras da estrada, de terra, obviamente e daí respondíamos ao fogo do inimigo. Pelo "cantar" das armas eles não ultrapassaria os 10 elementos mas nada, por muito que fizéssemos, os calavam ou os púnhamos em fuga



Não sei quanto tempo, talvez 15 minutos de intenso fogo, tão intenso que o homem da metralhadora abandonou esta, pois estava de pé, e totalmente a descoberto, na caixa do Unimog e escondeu-se debaixo do carro, quando o fogo do inimigo parou repentinamente. Só se ouviam os homens do pelotão a gritar se havia movimento nos diversos sectores da estrada. Silêncio

absoluto. Um furriel que se encontrava juntamente com outro soldado a uns 25 metros de mim no mesmo lado, gritou para o seu subordinado ao meu lado para ver se "via" o inimigo ou onde eles estava, ou se já tinham "cavado", isto é abandonado o terreno.

Neste ponto senti uma curiosidade de levantar a cabeça para espreitar e ver se havia algum daqueles "gajos" nas imediações. O capim que nos cercava era muito alto com mais dum metro e com muitas, mesmo muitas árvores e milhões de arbustos a encher o terreno. Não levantei a cabeça mas fiz um truque que aprendi nuns quantos filmes de guerra "made in Hollywood". Tirei o meu barretinho camuflado, o "famoso" Kiko, da cabeça pus na ponta da minha G3 e, como estava deitado, devagarinho, levantei a minha arma. Nisto, um tiro. Mesmo, penso, ao pé

de mim pois ouvi o sopro da bala de imediato ao som do disparo da arma. Talvez a uns 20 metros.

Primeiro não me apercebi pois puxei de volta a G3, donde o meu Kiko tinha desaparecido. Fiquei muito quieto enquanto os meus camaradas disparavam para todos os lados para neutralizar o inimigo. Mais outros 5 minutos (penso) o silêncio voltou ao campo de batalha e só se ouvia as vozes dos meus colegas. Eu continuava deitado e por nada deste mundo queria levantar o corpo e muito menos a cabeça.

Depois tudo voltou à normalidade. Voltámos a agruparmos junto das viaturas e foi aí que dei por falta do Kiko.

Ainda fui nuns 3 minutos ao lugar onde tinha estado. Nada. Tinha desaparecido.

Não houve baixas nem feridos nesta flagelação pelo inimigo. Só o susto que não foi nada pequeno. Penso (não tenho a certeza) que até ao quartel, atrás do arame farpado, fui com a cabeça "enterrada" nos ombros, tal foi o "cagaço".

Voltámos, logo de manhã, no dia seguinte, ao local para reconhecimento e eu ofereci-me voluntário para acompanhar o pelotão apenas com a finalidade de, ali, encontrar o meu "querido" Kiko. Não o encontrei. Perdeu-se MIA (Missing in action). Tanto o gostaria de o ter moldurado na parede aqui na minha casa. Tive pena de não o ter recuperado. Penso que voou para bem longe, para dentro da mata. Devia ter um buraco, de certeza. Quase que jurava. E dentro daquele Kiko estava a minha cabeça. Foi um milagre não ter dado "asas" à minha curiosidade. Se o fizesse estaria, a estas horas, sepultado num cemitério daquelas belas terras do Norte de Angola, que eu tanto amo. Mas gostava tanto de ter comigo o meu companheiro, o meu fiel amigo Kiko, o que "desertou".

Em seu lugar tenho outro que me ofereceram na minha unidade. Gosto dele que ainda tenho no meu escritório. Mas já não é aquele que desapareceu, e que levou o balázio em vez da minha cabeça. O meu amor está com o outro. Até as cores pareciam mais lindas, o verde, o castanho, bem vincados e sobrepostos.

Mas agradeço ao Criador de me não ter chamado naquele momento.

TIRES • ALIGNMENT • BRAKES • SUSPENSION • EXHAUST • TUNE-UP LUBRIFICATION • AIR CONDITIONING • TRANSMISSION



NOW THERE'S NO JOB TOO BIG FOR BENTO'S

ROAD ASSISTANCE

**BATTERIES
FROM JUST
\$99.00**

Now offering service
for over-size,
heavy duty and commercial
vans and trucks!
Up to 16 ft. and 18,000lbs.
**SAFETY & COMMERCIAL
STICKERS**

**OPEN
24 HRS**

7 DAYS A WEEK!

smart



**NOW EQUIPPED
TO SERVICE
SMART CARS**

BENTO'S AUTO & TIRE CENTRE



2000 Dundas Street West, Toronto, ON M6R 1W6

(416) 533-2500

www.bentoscarservice.com • e-mail: batc@rogers.com

BENEFÍCIOS EXTENSIVOS AOS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO DOS EX-COMBATENTES DO ONTARIO

\$5.00 desconto, por membro,
nos testes de emissão e
nas mudanças de óleo.

Preços especiais no aluguer de viaturas durante
as deslocações a Portugal, com **5% de desconto**,
nas classes A a C, com mais de 3 dias, tem o
privilegio de levantar e entregar o carro em
75 diferentes localidades em Portugal Continental

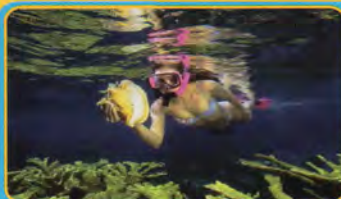


BENTO'S Tours Inc.

O/A BENTO'S TRAVEL SERVICES

AGTA
vacation.com™

*Where may we
we take you?*



Reserva de Viagens / Cruzeiros / Estancias Balneares e de Hotéis • Pacotes de Viagem a Ultima Hora
Aluguer de Automóveis • Serviço de Traduções • Imposto Complementar (Income-Tax / E-Filing)

**RESERVE COM ANTECEDENCIA!
POUPE TEMPO E DINHEIRO
NAS SUAS FERIAS!**

Tel (416) 588-2000

Fax (416) 588-2258

bentos@rogers.com

2000 Dundas Street West, Toronto, ON M6R 1W6

Os nossos sócios terão descontos nas suas estadias em Portugal na aquisição de produtos bem como nas combustíveis nas lojas participativas. Cemitério de Glen Oak em Oakville, com preços especiais nos serviços de funerais personalizados e venda de talhões aos ex-combatentes portugueses e canadianos.

O que não posso esquecer

Artur Jesus

Após 39 anos, de regresso do ultramar, da ex-província de Angola, queria recordar, o que não podemos esquecer, nós, os que lutámos bravamente, nas guerras ultramarinas perdendo mais de três anos da nossa juventude, onde milhares de jovens pereceram e muitos outros milhares, hoje são deficientes, do trauma físico ou com os nervos esfrangalhados (síndrome pós traumático).

Muitos desses ex-combatentes que sofrem de males relacionados com o serviço militar, agora na velhice foram abandonados pelas famílias e pela sociedade onde estão inseridos, outros não têm abrigo, um amparo, uma refeição completa, um carinho ou um abraço amigo. Eu perdi um primo e quatro amigos de infância e companheiros da tropa

Cumpri a minha comissão no norte de Angola, em Mandimba, S. Salvador e ali, naquele lugar algo marcou a minha vida para sempre. Este relato que aqui deixo não é ficção mas sim uma realidade que por vezes penso ter sido um sonho de que ainda não despertei

Tínhamos então regressado do mato e no quartel que ficava à entrada daquela vila, no caminho que vinha de Quiende/Mamarosa, foram nos buscar, quando descansávamos, fazer prestar escolta às viaturas de reabastecimento, por todos conhecidas por MVL

Nessa tarde quente de verão no mês de setembro, o capitão que era o comandante do quartel, veio à parada chamar militares que quisessem ir como voluntários, fazer segurança a uma coluna para transporte de 8 bidons de gasolina destinada ao abastecimento dos helicópteros que estavam com falta de combustível para regressar à unidade que pertenciam, a Base aérea, no Toto os quais tinham vindo transportar uma força de caçadores/paraquedistas para interceptar um numeroso grupo armado de guerrilheiros que ali operavam e estava a atravessar o rio Manbridge em direção às zonas do Luvo, Mamarosa e Canga Esta operação helitransportada teve um enorme sucesso pois os paraquedistas conseguiram aprisionar muitos desses guerrilheiros e infligir-lhes algumas baixas, das nossas forças (paraquedistas) contaram-se por um morto e alguns feridos.

O momento mais triste que tive foi, no entanto, dois dias antes deste acontecimento. Tinha um bom amigo africano que estava ao serviço do Exército Português, o Manuel, que, sabendo da minha religiosidade e fé, fez questão em me oferecer um crucifixo com um cordão que ele mesmo fabricou,



aceitei devido à amizade cimentada, e que no acto de me entregar acrescentou estas palavras *"Amigo Artur, toma isto e que tu nunca te esqueças de mim!"*

Pois dois dias antes, foi formado um grupo de vinte dois homens incluindo dois alferes milicianos dois primeiros cabos, cinco viaturas composta por uma Mercedes que levava os oito bidons de gasolina, e três Unimogs e a Berliete como arrebita minas. Ninguém gostava de ir na Berliet, nem os furriéis nem os cabos, e eu, sabendo disso e porque gostei sempre de me oferecer como voluntário saltei para a Berliet na viagem de ida para

Quiende. Tudo correu muito bem na ida De regresso, após deixarmos a gasolina, e com o aproximar da noite, o meu amigo Manuel aproximou-se de mim e insistiu para vir na Berliete, pelo que lhe fiz a vontade deixe-o vir na Berliette.

Ele tomou o meu lugar ao lado do condutor e eu passei para a segunda viatura que era o Unimog e assim nos pusemos a caminho da Bateria, o nosso quartel Nunca mais me sai da memória o triste acidente que vitimou o meu amigo Manuel Numa curva fechada, e muito perigosa, a Berliete como vinha com velocidade a mais, derrapou nessa curva e capotou para o lado direito numa ribanceira, matando o meu amigo. O condutor, um português nascido em Angola, fracturou a bacia e ambas as pernas. Quanto ao corpo do Manuel com ajuda dos colegas enrolamos o cadáver no meu cobertor de cor castanha e veio debaixo do meu banco do Unimog até S. Salvador, tendo sido levado

para a morgue do Hospital Militar As nossas viaturas foram para o pequeno aeroporto de S. Salvador com os faróis a alumiar a pista para uma avioneta levantar voo e transportando o condutor para Luanda

Em princípios do ano 1975 fui transferido para o Grafanil para prestar serviço de intervenção. Luanda estava praticamente numa luta armada entre as três fações dos Movimentos de Libertação, embora não houvesse declaração de guerra civil, parecia que efectivamente vivíamos um ambiente de hostilidades, armadas, entre os partidos, do MPLA,UNITA, FNLA.

Foram momentos tristes e muito difíceis que ainda hoje, os ex-combatentes, revivem e sofrem as amarguras físicas e mentais por tudo o que passaram muitas vezes isolados na selva e nas savanas angolanas.

Não podem ser esquecidos





CARPENTERS LOCAL 1030

UNITED BROTHERHOOD OF CARPENTERS AND JOINERS OF AMERICA

Executive and Staff

Ziggy Pflanzner,
President

Tony Candiano,
Financial Secretary
Daniel Averó
David Aguiar
Durval Terceira
Fabiano Almeida
Gary Realeijo
Horacio Leal
Jack Goncalves
Jaime Melo
Joe Jeronimo
John Carvalho
Tony Pacenza
Tony Losak

*Saudamos o
Ontario Association of Portuguese War Veterans
nesta segunda edição da revista
COMBATENTE - ONTARIO.*

Bem Hajam



Allied Construction Employees Local 1030

149 Main Street East
Hamilton, ON L8N 1G4
Tel: 905-522-5379
Fax: 905-522-8678

222 Rowntree Dairy Rd
Woodbridge, ON L4L 9T2
Tel: 905-652-4140
Fax: 905-652-4139



DOMESTIC
&
INTERNATIONAL
WINES

EVOLUTION wines

BY MACEDO WINERY

1381 DUFFERIN ST.
TORONTO, ON M6H 4C7
416-535-0416

Casos e Casos - 2

Tibério Branco

Conforme o prometido na última edição da nossa revista, volto de novo para relatar casos que se passaram durante o tempo desperdiçado nas famosas guerras no então, que nunca foi nosso Ultramar

Mas vamos relatar alguns episódios, um tanto ou quanto com sentido de humor, pois segundo diz o ditado tristezas não pagam dívidas.

Após nove meses de intervenção, fomos colocados num sítio bastante sossegado, atendendo às circunstâncias, a alguns quilómetros do Aeroporto de Bissau. Para o efeito foram nomeados três graduados para recebimento do material daquele aquartelamento. Fomos recebidos com honras e pompas, pois estivemos em festa todos os dias, e como tal, nada foi verificado, tudo assinado de cruz. Depois veio a parte quase inacreditável, mas confesso, é verdade.

Imaginem recebemos um jeep sem motor, o furriel mecânico que esteve no ato de recebimento, logicamente ficou em pânico, quando deu por falta do motor. Ai começaram as averiguações, para arranjar o contato que nos levasse à solução do problema.

A solução estava em Bissau, no depósito geral da manutenção militar, onde havia de tudo, até um motor! A pessoa mais influente nestes casos era sempre um sargento, e desta vez não fugiu à regra.

Ai começou o namoro, com viagens sucessivas a

Bissau, sempre acompanhadas de uma pequena oferta, que constava, de um cabrito, leitão, frangos, ovos, etc.

Finalmente chegou o dia de dizer o nosso problema logicamente a resposta, foi o que já esperávamos. Impossível!

Para abreviar após mais algumas visitas, conseguiu-se o objectivo. Entramos com uma caixa com pedras e saímos com uma caixa com o motor, com devem calcular dia de festa, para o furriel mecânico, e seus cúmplices.

Não me perguntem como, mas um belo dia alguém veio a descobrir onde comprar ostras, diretamente aos indígenas, só que tínhamos de as lavar condignamente, pois eram tiradas do lodo, missão fácil de cumprir, pois sempre que fosse para comer e mudar de ementa não faltavam voluntários.

Após a operação de limpeza das mesmas, a segunda foi cozinhar, o que foi feito no meio da parada, dentro de um bidon. Operação feita à noite, e durou umas quantas horas, para devorar a quantia enorme de ostras que compramos, ao preço da chuva, petisco sempre acompanhado de cerveja, primeiro gelada, e depois era o que havia.

Na próxima edição tentarei relembrar-me de mais casos e casos, até lá votos de muita saúde.



Dever cumprido

José Mário Coelho

Quando o ex-combatente Sargento Eduardo Resende me convidou a participar com ele no encontro dos ex-combatentes do Ultramar português, em Montreal, nunca imaginei o que viria a acontecer.

Na vinda para Toronto, passamos o tempo a discutir a hipótese de realizar em Toronto um almoço de confraternização anual, tal como os camaradas de Montreal. Eduardo Resende não perdeu tempo. Falou de imediato com ex-combatentes do Ultramar residentes em Toronto, que aderiram imediatamente à ideia e, com naturalidade, nasceu a associação Encontro dos Ex-Combatentes do Ultramar, mais tarde núcleo ligado à Liga Portuguesa dos Combatentes e, ultimamente, Portuguese Veterans Association.

Por simpatia dos elementos do grupo, fiquei na presidência do grupo nos 12 anos imediatos, de 2000 a 2013. Foi para mim um grande privilégio ter presidido por tantos anos o grupo dos Ex-Combatentes de Toronto. Infelizmente, as minhas condições de saúde não me permitem continuar à frente do grupo. O camarada Eduardo Resende, também por más condições físicas, praticamente afastou-se dos camaradas, sem nunca deixar de dar a ajuda possível. Obrigado Eduardo Resende por me ter influenciado para participar e presidir aos Ex-Combatentes do Ultramar, o que muito me honrou.

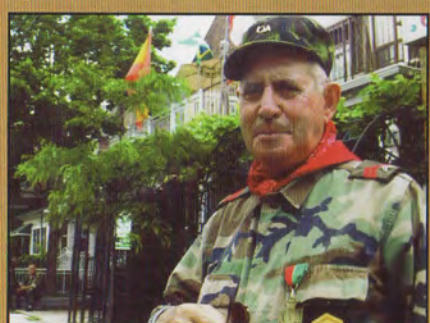
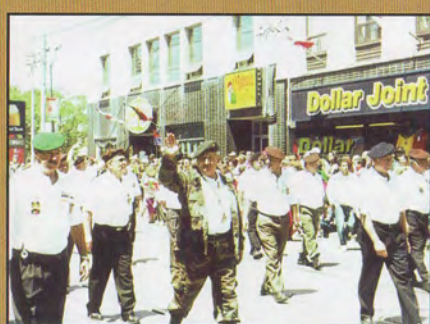
Passei grandes momentos, aprendi muito com todos e, se o tempo voltasse atrás, repetiria a mesma

atitude. Foram 12 anos de convívio e amizade. Foi bom escutar as muitas histórias dos ex-combatentes, ajudar alguns com dificuldades, ter a presença de vários convidados, com ênfase na presença do Major-General Ferreira que, para além do brilhantismo do seu discurso, ainda fez a nossa inscrição na Liga dos Combatentes, o que deu aso ao nosso crescimento. Outro grande momento, teve lugar em Winnipeg, quando eu e o Eduardo Resende participamos na inauguração do monumento de homenagem aos ex-combatentes. Ali, nasceu a ideia de fazermos o mesmo em Toronto.

Todos os camaradas aceitaram a ideia e, com muitas dificuldades, conseguimos erguer um monumento aos ex-combatentes portugueses e canadianos, com a presença do Ministro das Finanças Charles Sousa, do presidente da Liga dos Combatentes de Portugal General Xito Rodrigues, entre outras individualidades, como o Secretário Geral da Liga Coronel Lucas Hilário e o Côsul-Geral de Portugal Dr. Júlio Vilela.

Eu, e o Eduardo Resende, estamos gratos a todos os camaradas que nos acompanharam nesta caminhada e desejamos que a actual Direcção, presidida pelo camarada Luís Vieira, tenha o mesmo sucesso e muitas iniciativas.





A Primeira Guerra Mundial (1914-1918)

Antecedentes

Vários problemas atingiam as principais nações europeias no início do século XX. O século anterior havia deixado feridas difíceis de curar. Alguns países estavam extremamente descontentes com a partilha da Ásia e da África, ocorrida no final do século XIX. Alemanha e Itália, por exemplo, haviam ficado de fora no processo neocolonial. Enquanto isso, França e Inglaterra podiam explorar diversas colônias, ricas em matérias-primas e com um grande mercado consumidor. A insatisfação da Itália e da Alemanha, neste contexto, pode ser considerada uma das causas da Grande Guerra.

Vale lembrar também que no início do século XX havia uma forte concorrência comercial entre os países europeus, principalmente na disputa pelos mercados consumidores. Esta concorrência gerou vários conflitos de interesses entre as nações. Ao mesmo tempo, os países estavam empenhados numa rápida corrida armamentista, já como uma maneira de se protegerem, ou atacarem, no futuro próximo. Esta corrida bélica gerava um clima de apreensão e medo entre os países, onde um tentava se armar mais do que o outro.

Existia também, entre duas nações poderosas da época, uma rivalidade muito grande. A França havia perdido, no final do século XIX, a região da Alsácia-Lorena para a Alemanha, durante a Guerra Franco-Prussiana. O revanchismo francês estava no ar, e os franceses esperavam uma oportunidade para retomar a rica região perdida.

O pan-germanismo e o pan-eslavismo também influenciaram e aumentaram o estado de alerta na Europa. Havia uma forte vontade nacionalista dos germânicos em unir, em apenas uma nação, todos os países de origem germânica. O mesmo acontecia com os países eslavos.

O início da Grande Guerra

O estopim deste conflito foi o assassinato de Francisco Ferdinando, príncipe do império austro-húngaro, durante sua visita a Sarajevo (Bósnia-Herzegovina). As investigações levaram ao criminoso, um jovem integrante de um grupo Sérvio chamado mão-negra, contrário à influência da Áustria-Hungria na região dos Balcãs. O império austro-húngaro não aceitou as medidas tomadas pela Sérvia com relação ao crime e, no dia 28 de julho de 1914, declarou guerra à Sérvia.



Política de Alianças

Os países europeus começaram a fazer alianças políticas e militares desde o final do século XIX. Durante o conflito mundial estas alianças permaneceram. De um lado havia a Tríplice Aliança formada em 1882 por Itália, Império Austro-Húngaro e Alemanha (a Itália passou para a outra aliança em 1915). Do outro lado a Tríplice Entente, formada em 1907, com a participação de França, Rússia e Reino Unido.

O Brasil também participou, enviando para os campos de batalha enfermeiros e medicamentos para ajudar os países da Tríplice Entente.

Desenvolvimento

As batalhas desenvolveram-se principalmente em trincheiras. Os soldados ficavam, muitas vezes, centenas de dias entinchados, lutando pela conquista de pequenos pedaços de território. A fome e as doenças também eram os inimigos destes guerreiros. Nos combates também houve a utilização de novas tecnologias bélicas como, por exemplo, tanques de guerra e aviões. Enquanto os homens lutavam nas trincheiras, as mulheres trabalhavam nas indústrias bélicas como empregadas.

Fim do conflito

Em 1917 ocorreu um fato histórico de extrema importância: a entrada dos Estados Unidos no conflito. Os EUA entraram ao lado da Tríplice Entente, pois havia acordos comerciais a defender, principalmente com Inglaterra e França. Este fato marcou a vitória da Entente, forçando os países da Aliança a assinarem a rendição. Os derrotados tiveram ainda que assinar o Tratado de Versalhes que impunha a estes países fortes restrições e punições. A Alemanha teve seu exército reduzido, sua indústria bélica controlada, perdeu a região do corredor polonês, teve que devolver à França a região da Alsácia-Lorena, além de ter que pagar os prejuízos da guerra dos países vencedores. O Tratado de Versalhes teve repercussões na Alemanha, influenciando o início da Segunda Guerra Mundial.

A guerra gerou aproximadamente 10 milhões de mortos, o triplo de feridos, arrasou campos agrícolas, destruiu indústrias, além de gerar grandes prejuízos econômicos.

TÁVORA

SEA PRODUCTS CO. LTD.

Faça as suas compras
SO NO TÁVORA!

CARNE A GROSSO • CARNE A RETALHO
GRANDE SELEÇÃO DE AZEITES BACALHAU
PEIXE e MARSICO FRESCO e CONGELADO
GRANDE SELEÇÃO DE FRUTAS
VEGETAIS FRESCOS e CONGELADO
PRODUCTOS DE LIMPEZA
PRODUCTOS VINDO DE PORTUGAL
PAO FRESCO DIARIAMENTE

1030 Dundas St. E.
MISSISSAUGA
(905) 949-1592

1625 St. Clair Ave. W.
TORONTO
(416) 656-1592

15 Janet Ave.
TORONTO
(416) 537-9687

FOTOS de PORTUGAL na GRANDE GUERRA MUNDIAL

<http://historia-dos-tempos.blogspot.ca/2009/05/fotografias-portugal-na-grande-guerra.html>



Tropas que seguem para França



Regresso das tropas do Corpo Expedicionário Português que participaram na campanha na Flandres



Confraternização de antigos combatentes da Primeira Guerra Mundial



Preparativos para o embarque das tropas que vão combater na Primeira Guerra Mundial



Tropas portuguesas, no cais de embarque para França



Preparativos para o embarque das tropas que vão combater na Primeira Guerra Mundial



Regresso de prisioneiros portugueses internados na Alemanha, distribuição de bebidas quentes aos soldados

Tropas portuguesas, no cais de embarque para França



Antigos combatentes da Primeira Guerra Mundial no rancho de confraternização que decorreu durante a Semana do Combatente

Cais de Santa Apolónia, embarque do Corpo Expedicionário Português para a Flandres, após a entrada de Portugal na guerra





RECYCLING, DEMOLITION, EXCAVATION & SCRAP PICK-UP

TRANSPORTE DE LIXO

Affordable dependable services for over 40 years

- TERRA • MADEIRA
- BRITA • PEDRA
- DEMOLIÇÕES DE CASAS, PRÉDIOS, FABRICAS, ARMAZENS
- CONSTRUÇÃO NOVA

**SERVIÇO
GARANTIDO
EM
3 HORAS**

- SERVIMOS AS ÁREAS DE TORONTO E ARREDORES
- RÁDIO COMUNICADO
- CAIXAS DE 8, 14, 16, 20, E 40 "YARDS"

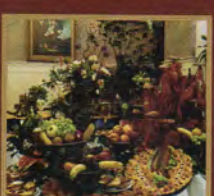
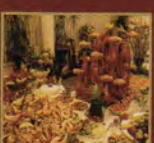
RESIDENCIAL • COMERCIAL • INDUSTRIAL

(416) 537-8303

Fax: (416) 236-1582

Dispatch: (416) 656-8300

67 Shorncliffe Rd., Etobicoke, Toronto, ON M8Z 5K3



Europa

CATERING & CONVENTION CENTRE

*Magnificent Decor
Exquisite Food
Stunning Arrangements*

*Full Banquet Services for
Weddings, Baptisms &
Other Social Events*

TWO LOCATIONS TO SERVE YOU BETTER!

EUROPA CONVENTION CENTRE
7050 Bramalea Road Mississauga
(905) 677-9100

EUROPA CATERING
1407 Dundas Street West Toronto
(416) 534-5520

www.europaconventioncentre.com

The Return

Hldr. Gonçalves - 842

Finally over, we returned from war,
I went to see her, our love was no more.

Broken, tattered and barely sane,
Losing my first love, by far the worst pain.

I wander the streets distorted and torn,
Losing her was so difficult to morn.

I search for work and for something to be,
Rejection comes swift and life becomes harder to see.

Nightmares and horrors haunt me as I sleep in my bed,
I grip my gun tightly as I raise it to my head.

The phone rings, my brother asks why?
This isn't life, I want to die!

Walking and falling, a bottle in one hand,
As I dreamt of good times back in the sand.

I talked to my friends and saw their lives were as bad
Leaving the fight, the glory, made us mad.

Later we, conversed and all sought to meet,
To go on fighting, to pick up our feet.

They took us soldiers out of the war,
But the war remains still, in the depth of our core.

A letter Never Delivered

by Cpl Daniel Gonçalves

I'm away with the army again,
the proud soldier that I am,
Torn between two worlds becoming a man.
I often think of you and miss you.
Kissing you and holding you in my arms.
Many nights I don't sleep or eat,
counting down the days and hours
until I see you again.

My beautiful wife the love of my life,
my inspiration and my dream come true,
I remember when we bought a house
and meant to start life anew.
Tears fall every night deep within me
but I dare not show emotion here,
Thoughts of losing you to do this
for my country kills me dear.

I often think of having our first child
and growing old far from here
but death is all around me
and fear my own is near.

To you my beautiful wife I love you,
and for you, I'll do my best,
to come home and be reunited
is truly the heart's worst test.



Proud

Corporal Daniel Gonçalves

I Corporal Daniel Gonçalves, come before you today as a young proud Portuguese Canadian Soldier I am truly proud and honored to be part of such a great Country and a military that has fought for our freedoms for over two centuries. In fact, this year marked the 200th Anniversary of the War of 1812 where we drove Americans from our lands and won the right to call ourselves Proud Portuguese Canadians!



For many decades my family has fought for the freedoms of the people, my parents, Portuguese immigrants to Canada, pushed and encouraged me and my brother to do the same for this great Country. The country you and I call home. I joined the Canadian Armed forces at the age of

18 in Sudbury, Ontario and my brother around the same time at the age of 19 in Toronto, Ontario. Later even my father whom served in Portugal as a Sargent in a Telecommunications Special Operations Unit for several years, at the age of 45, pushed through Canadian Basic Military Training to join his two sons in the Canadian Army Reserves. A family we are, as one, we stay together, fight together, and die together

Today, we honor the many great young men and women that have fought for us over so many years and those that fight for us today overseas and here at home completing various domestic missions and operations. Our youth and mature veterans have taught us to be brave, to be strong, and to be powerful and unforgettable human beings. For those who have lost friends, lost companions, I too, have lost. But none that I have lost are ever forgotten, they live within our memories within the hearts and minds of every Canadian and for that they are immortalized forever We stand together as one, facing our challenges as the grin upon our expression becomes influenced with power, with virtue for those who have returned and lived to do great things. Let us not mourn for the men and women who have died fighting, but rather let us be glad that such heroes have lived and still live today.

Without regard for our personal comfort or self advancement, to the best of our abilities and to the limitations of our physical and psychological endurance we make every effort be the best Soldiers we can be and on this day we still stand and fight past, present, and future Faithful Forever to our country and to you

I am Corporal Daniel Gonçalves and I thank each and each one of you for inviting me to this Memorable Remembrance Day Ceremony and I challenge to be great and to be a proud of what many have accomplished for you to have the freedoms you have today.

Homenagem aos Militares Portugueses, na Guerra e na Paz, em Terras de África

Quis a Liga dos Combatentes, juntamente com a Sociedade de Geografia, recordar o esforço despendido pela Nação Portuguesa, ininterruptamente e durante 14 longos anos, na Guerra do Ultramar. Meio século passado justifica por si só uma solenidade distinta das que ocorrem anualmente, reverenciando de modo especial todos os que se bateram e caíram ao serviço da Pátria em três Teatros de Operações, mas dando também o devido destaque ao colossal esforço militar sustentado durante tanto tempo pelas Forças Armadas Portuguesas e que teria permitido, se o regime assim o quisesse, optar por uma solução política que dispensasse o uso da força.

50 anos volvidos, é também tempo, em meu entender, de olhar para o futuro daqueles tempos, ou seja o presente e o passado recente de hoje, e dizer algo sobre questões fundamentais: preservou-se a herança de 500 anos vividos além-mar? Refundaram-se ou ter-se-ão perdido os laços multi-seculares forjados entre gentes e culturas diferentes? E os militares? Alheios ou intervenientes? Porque sei a resposta dada por estes últimos, os de lá e os de cá, a minha intervenção alargar-se-á também a todos os militares portugueses que, desde 1990 e até hoje, na África lusófona, ali continuam Portugal.

Agradeço ao meu prezado Amigo e actual e dinâmico Presidente da Direcção Central da Liga dos Combatentes, general Chito Rodrigues, o convite formulado para intervir nesta sessão solene.

Permitam-me, V. Ex.as alguns, poucos, comentários prévios. Muito já se disse e escreveu e seguramente se dirá e escreverá, ao longo dos tempos, sobre este período charneira da História de Portugal. Na mesa e entre a audiência registo a presença de muitos que sob perspectivas diversas, dedicaram a esta temática tempo e saber. Em tal quadro e face ao tempo disponível, por natureza circunscrito, logo escasso, limitarme-ei a um perpassar de olhos, e não mais do que isso, sobre determinados factos e acontecimentos, e apenas alguns, que me pareceram relevantes para a abordagem que me propus. Em contrapartida poderá daqui resultar, para quem viveu por dentro aqueles tempos, certo desconforto pelas omissões que notarão. Desde já as minhas desculpas.

Os primeiros sinais, fortes, de que se avolumavam as ameaças sobre o ultramar surgiram no ano de 1961, altura em que movimentos independentistas africanos provocaram em Luanda, a 4 de Fevereiro, sérias perturbações da ordem pública e no norte de Angola, a partir de 15 de Março, massacres indiscriminados de civis inocentes, entre os quais muitas mulheres e crianças de raiz europeia e africana.

Subitamente a questão do ultramar português chegou à ribalta dos noticiários de todos os continentes e passou a inscrever-se, como tema recorrente, em inúmeras chancelarias e nas agendas políticas de organizações internacionais, em especial da ONU. São bem conhecidas as profundas transformações por que o mundo passou logo após a Segunda Guerra Mundial, aí se evidenciando a questão colonial, ou melhor dizendo, a questão das colónias vinculadas a países europeus. Este tema tivera cobertura na Carta das Nações Unidas; em 1955 estivera na base da Conferência de Bandung; entre 1946 e 1962, provocara uma guerra perdida pela França na Indochina e outra concluída por de Gaulle com a independência da Argélia; gerara a rápida descolonização e a imediata independência, em 1960, de 16 novos países africanos.

Em Portugal, o regime adoptou uma linha política bem conhecida e que passava pela irredutível preservação da integridade do ultramar, num espaço uno e indivisível que se estendia do Minho até Timor.

Os macabros e hediondos acontecimentos iniciados a 15 de Março de 1961, no norte de Angola, chocaram profundamente a opinião pública internacional e os portugueses em particular, mobilizaram a comunicação social e determinaram da parte do

governo resposta urgente e expedita. «Rapidamente e em força para Angola» foi a palavra de ordem que se ouviu da parte de Salazar. A Nação inteira aderiu e empolgada aplaudiu o embarque de forças militares para o norte de Angola com a missão de garantirem a segurança das populações ameaçadas e perseguirem e aniquilarem os autores dos morticínios ali praticados. No dia 1 de Maio de 1961, a população de Luanda saudava entusiasticamente o desfile do primeiro grande contingente militar que partira de Lisboa, constituído por unidades aligeiradas de Infantaria, tipo batalhão e companhia, e que acabara de desembarcar no porto da capital angolana. Mas isto só fora possível porque o Exército, na década de 50, havia recolhido lições da experiência da França nas guerras da Indochina e, em especial, da Argélia, tendo um pequeno grupo de oficiais redigido toda uma doutrina de contra-subversão e de contra-guerrilha, no imediato incorporada na doutrina militar portuguesa. Assim e ainda no ano de 1960, criaram-se as primeiras 4 Companhias de Caçadores Especiais, em meados desse ano embarcadas para Angola, por coincidência na altura da independência do Congo belga.

Entretanto e sentida a urgência de se criarem forças com a missão especial de contraguerrilha, iniciou-se, logo em 1961, no norte de Angola a instrução e formação de unidades especiais, donde nasceriam os «Comandos». Estes, até 1974, em Angola, Moçambique ou na Guiné viriam a ter uma acção destacada em operações de contraguerrilha, actuando isoladamente ou integrados em forças conjuntas.

Esta fase, que se pode caracterizar de REACÇÃO, teve o seu ponto alto na arrancada heróica para a tomada de Nambuangongo. Três colunas para ali convergiram a partir de Úcuá, de Quicabo e do Ambriz. A progressão fez-se por zonas quase inacessíveis ao longo de picadas que se confundiam com o mato denso. Levantaram-se centenas de abatizes, rodearam-se inúmeras covas dissimuladas nos trilhos, registaram-se dezenas de flagelações e emboscadas que provocaram 116 baixas entre mortos e feridos, mas, a 9 e 10 de Agosto de 1961, atingia-se o grande objectivo político, psicológico e militar e era esmagada a efémera «república socialista de Nambuangongo» que os insurrectos ali tinham querido implantar. A exploração deste sucesso, que teve repercussão internacional, traduziu-se no indispensável redimensionamento do dispositivo territorial militar, até então escassíssimo e incipiente, com importantes reforços chegados da metrópole durante o ano de 1962. A esta fase seguiu-se um período mais longo em que o esforço militar foi orientado para a SUSTENTAÇÃO dos sucessos alcançados na contra-subversão e na contraguerrilha em Angola, bem como para responder às novas frentes abertas na Guiné, desde 1963, e em Moçambique a partir de 1964. Foi um trabalho insano ora próactivo, ora reactivo. Assistiu-se a um reajustamento global dos três ramos das Forças Armadas para com os poucos recursos nacionais se empenharem decisivamente na batalha da contra-insurreição. Os resultados viriam a transcender os meios usados em combate, quantas vezes insuficientes ou obsoletos, o que se ficou a dever ao valor dos nossos combatentes e aos chefes militares e seus estados-maiores, exclusivamente portugueses, responsáveis pela condução da guerra.

Nos três Teatros de Operações (TO) e a par e passo com operações militares de quadrícula ou em grande escala, a cadeia de comando e a organização territorial passaram por sucessivos ajustes; a mobilização na metrópole para reforço dos 3 TO passou de 40422 militares em Dezembro de 1961, para o dobro, 81549, em 1972; simultaneamente, verificou-se um acréscimo significativo do recrutamento no ultramar que em 1966 era 30%, passou a 50% em 1970 e naquele nível se manteve até 1974; a máquina da logística militar dava provas de extraordinária eficácia organizando-se na metrópole e nos 3 T.O. de forma a responder com oportunidade às inúmeras solicitações das mais variadas classes de abastecimentos que lhe chegavam dos mais variados

pontos daqueles territórios; o Serviço de Saúde Militar atingiu altos padrões de rendimento nos cuidados prestados a feridos em combate ou em acidentes, muito contribuindo para manter elevado o moral dos nossos militares; a instrução individual e colectiva foi sendo melhorada e adaptada ao tipo de guerra que se travava em Angola, Guiné e Moçambique; as unidades de quadrícula, paralelamente à actividade operacional, envolveram-se em acções de apoio e assistência às populações locais, a bem conhecida «acção psicossocial», de que resultaram benefícios para ambas as partes. Ainda e nesta fase, merece especial realce a estreita cooperação que se estabeleceu entre os três ramos das Forças Armadas nomeadamente em operações, mas não só.

Algumas palavras sobre a Força Aérea tendo como referência um escrito do meu prezado Amigo, General Aleixo Corbal, ex-Chefe do Estado-Maior. Foi no ano de 1959 que a Força Aérea recebeu ordem para dar início à preparação da sua instalação no então Ultramar. Em 1961, estavam surgindo as primeiras infraestruturas quer já numa fase adiantada de construção em Angola, quer em fase de arranque em Moçambique. A matriz para o melhor aproveitamento das capacidades do Poder Aéreo contemplava Bases Aéreas principais, Aeródromos Base, Aeródromos de Manobra e Aeródromos de Recurso os quais, no seu conjunto, garantiam a operação, o abastecimento e a manutenção dos meios aéreos existentes, desde o Transporte Aéreo Estratégico em ligação com Lisboa e o nível Teatro de Operações até ao apoio aéreo a acções de contra-guerrilha, evacuação de feridos, ou transporte de pessoas e mantimentos. Uma palavra sobre os meios aéreos utilizados. Na generalidade eram obsoletos e inadequados. Efectivamente, com excepção dos helicópteros e dos aviões de transporte estratégico Boeing 707, estes adquiridos na fase final dos conflitos, os meios atribuídos contavam longos anos de uso e, dum modo geral, eram aeronaves tecnicamente ultrapassadas, muitas delas da geração da II Guerra Mundial. Todavia, mesmo com essa frota obsoleta e inadequada, e apesar da juventude e pouca experiência inicial de grande parte dos pilotos, foi possível manter, ao longo de treze anos, sem degradação dos níveis de segurança e com alto sentido de missão, um elevado nível de eficácia nas inúmeras acções realizadas em apoio das Forças de Superfície. Para além do Poder Aéreo, uma outra componente deste ramo teve acção destacada nos três T.O., e desde logo no norte de Angola, a partir de 1961. Refiro-me aos páraquedistas, criados na Força Aérea na década de 50, e que ao longo dos anos se distinguiram como força combatente de grande valor nos três Teatros de Operações quer em actuando isoladamente, quer em operações conjuntas.

Na breve, mas indispensável referência à Marinha serve-me de guia o meu prezado Amigo, já falecido, Vice-Almirante António Emílio Sachetti. Até 1960, pouco mais havia no Ultramar do que Serviços de Marinha que se ocupavam do fomento marítimo.

Entretanto a evolução política no Continente Africano aconselhou a dar alguns passos para ali organizara Marinha Militar. Foram então definidas as seguintes missões gerais para a actuação da Marinha no Ultramar: A defesa da linha de costa e dos portos dos diversos Territórios Ultramarinos; A vigilância e a defesa das linhas de comunicações fluviais e lacustres, nomeadamente em Moçambique, em Angola e em toda a Guiné. Irme-ei fixar nesta segunda missão, reconhecendo embora a extraordinária importância que tiveram a criação e instalação dos Comandos Navais, os meios oceânicos empenhados (corvetas e fragatas) e bem assim a criação de infraestruturas navais, nomeadamente as de comunicações e as de apoio a Unidades Navais. Para operar em rios e lagos, houve que criar um programa de aquisição e de construção de lanchas complementado pela criação dos Fuzileiros Navais. A classe dos Fuzileiros foi criada em princípios de 1961 e o primeiro Destacamento de Fuzileiros Especiais já estava em Luanda no final daquele ano. A 1a. Companhia de Fuzileiros foi criada um ano depois e até fins da década de 60 já haviam sido constituídas cerca de 30 unidades de fuzileiros actuando nos 3 TO. No que se refere às lanchas, criaram-se inicialmente dois tipos de lanchas de fiscalização: pequenas, de 30 toneladas e grandes de

200 toneladas.

Seguiram-se-lhes as lanchas de desembarque: pequenas, médias e grandes. Com estes meios e durante o ano de 1965 criaram-se as Esquadrilhas de Lanchas da Guiné, do lago Niassa e do rio Zaire. Na Guiné, em 1969, havia-se atingido o máximo de pequenas Unidades, com 39 navios. À eficácia do seu emprego e ao espírito de missão das suas guarnições muitas operações deveram o seu êxito, muitas unidades dos três Ramos deveram o permanente apoio logístico e operacional, muitas aldeias deveram o abastecimento regular e muitos elementos da população devem a vida. Uma última palavra à epopeia dos Fuzileiros e das guarnições que fizeram chegar por mar, comboio, estradas e picadas lanchas de desembarque pequenas e de transporte aos seus destinos nos rios do extremo leste de Angola: Zambeze (a 1772 quilómetros do porto do Lobito), Cuito (distante 900 quilómetros do porto de Moçâmedes) e Cuando (a 1800 quilómetros de Luanda), bem como às águas do lago Niassa a cerca de 700 quilómetros do porto de Nacala.

Uma palavra sobre a situação económica e financeira do país. Recorro para o efeito a uma dissertação do Professor Dr. Jacinto Nunes, onde, após analisar os 3 Planos de Fomento de 1953 a 1973 e o Plano Intercalar de 1965 a 1967, concluiu e passo a citar: «A década de 60 e o início de 70 foram uma época de ouro para o crescimento da economia portuguesa. De 1960 a 1973, o produto «per capita» dos portugueses em relação à média dos 12 países da Comunidade subiu de 38% para 55%, isto é, de pouco mais de um terço para mais de metade». Fim de citação.

E no ultramar? Cinjo-me a Angola onde testemunhei o espectacular desenvolvimento económico e social que ali se registava, no ano de 1973, apoiado numas muito saudáveis finanças públicas. O Governo e os agentes económicos pareciam andar à compita para ver quem mais contribuía para a criação de riqueza. O espectacular desenvolvimento da rede viária associado aos progressos bem evidentes na educação e na saúde e à pujança da economia estavam proporcionando certo bem estar generalizado e uma confiança enorme no futuro do território. Como dados estatísticos e por escassez de tempo, limito-me a anunciar que a Balança Comercial, a preços correntes, registava, em 1973, um saldo negativo para Portugal superior a 28 milhões de contos e em Angola um saldo positivo de 5,9 milhões de contos.

Mas na opinião pública do espaço europeu e também entre militares, à medida que o tempo passava, multiplicavam-se as interrogações quanto à persistência do imobilismo na orientação política em relação à guerra. O fenómeno da LASSIDÃO, típico das guerras prolongadas, vinha afectando claramente o moral das Forças Armadas, da juventude em geral e suscitava múltiplas críticas na sociedade portuguesa e no seio do próprio regime. Em relação às guerras no ultramar, constata-se, em fins dos anos 60 e princípios de 70 que, com excepção das Forças Especiais Páraquedistas, Comandos e Fuzileiros -, estas bem enquadradas e semi-profissionalizadas, a esmagadora maioria das unidades de quadrícula, Batalhões e Companhias do Exército, eram integradas por elevadíssima percentagem de oficiais e sargentos milicianos. Estes, no cumprimento dos seus deveres militares, no mínimo por 2 anos em qualquer T.O., viam os estudos e as carreiras interrompidos para além de se defrontarem, no final das comissões, com naturais dificuldades quer na retoma dos estudos, quer no acesso ao mercado de trabalho. Por outro lado, entre os militares do Quadro Permanente registava-se uma crescente tendência de passagem à situação de reserva, após 2, 3 e 4 comissões no ultramar, cada uma igualmente de dois anos, e um acesso decrescente de jovens às academias militares e às escolas de formação de sargentos.

No ano de 1973, a situação político-militar revelava significativas diferenças nos diversos Teatros de Operações. Angola era o território onde a situação militar se encontrava controlada e praticamente sem acções de combate nas duas frentes leste e norte. Em Moçambique, registavam-se serias preocupações na região norte agravadas pelo facto de a FRELIMO ter alargado a sua área de operações em direcção a Tete, marcando presença nas zonas circundantes dos trabalhos de construção da

barragem de Cabora-Bassa. Na Guiné, o PAIGC, de dia a dia mais bem armado, opunha-se seriamente às nossas forças e, em 23 de Setembro de 1973, proclamava a independência na «zona libertada» de Madina do Boé. Em Portugal surgem opiniões várias que apontam para o abandono daquele território. Esta tendência não triunfou, prevalecendo a tese da resistência para obviar ao indesejável efeito dominó nos demais territórios. Em Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe e Timor a vida decorria com aparente normalidade. Macau, na sua especificidade, não era enquadrável nas situações anteriores.

Surgiu entretanto o dia 25 de Abril, no ano de 1974. O império chegava ao seu termo.

A sequência vertiginosa dos acontecimentos desencadeados pela revolução de Abril é por demais conhecida e estes últimos têm vindo a ser descritos, interpretados, discutidos, investigados a partir dos mais diversos ângulos, dentro e fora de Portugal. E assim continuará a ser por certo ao longo dos tempos vindouros.

Mas, realidade incontestável, a população do espaço europeu de onde haviam partido as caravelas, cresceu subitamente à volta de 6%. Com muita gente enraivecida, furiosa, angustiada, perdida, deprimida, arredada do seu passado, com um presente miserável e sem futuro. Dos que aqui chegaram, entre meados de 1974 e Outubro de 1975, mais de metade partira de Angola, e destes, cerca de 170.000 haviam utilizado os 905 voos da «Ponte Aérea». Complementarmente a esta operação, foi accionada a «Ponte Marítima» que dos portos de Luanda, Lobito e Moçâmedes embarcou para Lisboa 260.600 m3 de carga, em vinte navios cargueiros e 16.527 viaturas, em oito navios porta-viaturas. Estive por dentro de uma e de outra. Saí de Luanda a 10 de Novembro, véspera da independência.

Não é momento nem há tempo para descrever, sucintamente que fosse, a saga da integração de centenas de milhares de pessoas desesperadas, mas que no desânimo souberam reencontrar as energias dos desbravadores de sertões. Fui participante activo, nesta fase da História recente de Portugal, desempenhando o cargo de Alto Comissário para os Desalojados, desde a criação do respectivo organismo, em Setembro de 1976, até à sua extinção, a 30 de Agosto de 1979.

Paralelamente e no mesmo período, de 1975 a 1979, a História deixava a sua primeira pegada post-independências com a assinatura dos Acordos Gerais de Cooperação entre Portugal e Guiné-Bissau, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Moçambique e Angola.

Ausente a vertente militar

Todavia e ainda nesta década, o eco que nos começou a chegar de todos os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) trazia novas dos militares, nossos exinimigos.

Desejavam encetar a cooperação com Portugal na área militar, onde quer que fosse possível, fazendo tábua rasa dos complexos ainda existentes em alguns «espíritos esclarecidos» da nossa sociedade. A resposta nacional não tardou, entusiasta, empenhada, mas dispersa e desconexa dado inexistir entre nós uma política de cooperação militar com os PALOP. Estas iniciativas, que cresceram ao longo dos anos oitenta, viriam a dispor de um enquadramento formal após a assinatura dos acordos de cooperação militar, entre Junho de 1988 e Março de 1989, com Cabo Verde, Moçambique, S. Tomé e Príncipe, e Guiné-Bissau.

Quanto a Angola e face à complexa situação interna ali vigente, a cooperação militar ascenderia ao nível institucional na oportunidade da participação de Portugal no Processo de Paz (de 1991 a 1993) e só viria a ser formalizada em Outubro de 1996.

De algum modo associada à cooperação militar, mas num quadro específico, ocorreu, nos primeiros anos da década de 90, o primeiro grande movimento de militares portugueses, em especial do Exército, para dois daqueles países: Angola e Moçambique. Em ambos os territórios, as partes beligerantes envolvidas numa prolongada guerra civil, desde a altura da independência, haviam-se sentado à mesa das negociações, sob os auspícios da

comunidade internacional. Os Acordos de Bicesse, relativos a Angola (MPLA e UNITA), foram assinados em Lisboa, em Maio de 1991 e o Acordo Geral de Paz, respeitante a Moçambique (FRELIMO e RENAMO) veio a ser assinado em Roma, no mês de Outubro de 1992. Ainda na fase das negociações e por desejo expresso de ambas as partes de cada um daqueles países, Portugal veio a assumir posição relevante nos dois processos e nos seus vários patamares: político, diplomático e militar. Se foi importante a participação política e diplomática de Portugal quer em Angola, quer em Moçambique, a presença de militares portugueses revelou-se extremamente profícua tendo adquirido grande visibilidade. Largas dezenas de oficiais e alguns sargentos e praças foram distribuídos quer pelas Missões Político-Militares que tudo fizeram para levar à prática as grandes linhas traçadas nos Acordos, quer em acções de Formação das futuras Forças Armadas de Angola e Moçambique, organizando estruturas de ensino, ministrando cursos e produzindo manuais e legislação. No terreno, unidades portuguesas integravam-se no dispositivo das Forças Multinacionais destacadas sob a égide da ONU. Acompanhei de perto muitas destas acções em gabinetes, em cursos que decorriam ou no terreno, quer em Angola, quer em Moçambique. E emocionei-me ao constatar que militares nossos, que nunca tinham estado em África, para além de competentes e dedicados, revelavam uma natural aptidão para bem estar e saber bem lidar com as gentes africanas. Acreditei num código genético forjado em séculos de História comum.

Sabem-se os resultados. Em Moçambique, os irmãos desavindos souberam ultrapassar divergências. O acordo de Paz foi um sucesso total. Pelo contrário, em Angola registou-se um falhanço completo. A UNITA, há que reconhecer, adoptou uma posição radical e absolutamente contrária aos esforços da comunidade internacional. A guerra voltou a ensanguentar o solo angolano. Só terminaria em Fevereiro de 2002.

A cooperação militar propriamente dita com os PALOP está indissociavelmente ligada à Direcção-Geral de Política de Defesa Nacional (DGPDN), de que fui seu primeiro responsável, de Julho de 1989 até Dezembro de 2000. Entre as primeiras tarefas do novo organismo, coube-me delinear a institucionalização da Cooperação Técnico-Militar (CTM). Deste alicerce e sempre em sintonia com os militares e políticos dos PALOP foi crescendo um edifício sólido, harmonioso, paulatinamente acrescentado e reforçado ao longo da década de 90. Os contactos lá e cá passaram a ser frequentes; iniciaram funções as Comissões Mistas Permanentes com reuniões anuais ora em Portugal ora em Angola, Cabo Verde, Guiné, Moçambique e S. Tomé e Príncipe; seleccionaram-se as grandes áreas onde se iriam desenvolver os projectos de cooperação militar ORGANIZAÇÃO e FORMAÇÃO -; numa torrente imparável, dezenas e dezenas de oficiais e sargentos portugueses foram sendo destacados para cada um dos PALOP, ali permanecendo entre algumas semanas e largos meses, no acompanhamento de projectos concretos e alojados em residências próprias; criou-se a figura de Director-Técnico (um de Portugal e um de cada PALOP) para acompanharem no terreno o desenvolvimento de cada projecto, desde o arranque até ao seu termo e posterior sustentação.

Paulatinamente, o modelo soviético, que vigorava em todos aqueles países desde a independência, foi sendo substituído pela doutrina militar portuguesa.

A FORMAÇÃO decorreu lá, para grandes efectivos ou para normalização de doutrina, e cá, para quadros, especialistas e jovens angolanos, cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos e santomenses - no Instituto de Defesa Nacional, nos então Institutos Superiores Militares, nas Academias Militares, em Escolas de Formação de Sargentos, em algumas Unidades Militares e também no Colégio Militar, no Instituto dos Pupilos do Exército e no Instituto de Odívelas.

Até ao ano 2000, largas dezenas de projectos se concluíram. Nenhum ficou pelo caminho. Nenhum se perdeu, salvo em caso de conflito militar, como na Guiné, após o levantamento militar de Junho de 1998. Para isso, muitos oficiais portugueses dos três Ramos, com a natural preponderância do Exército, deram o seu melhor no conjunto dos PALOP, ali se desdobrando em

trabalho de gabinete, desde assessores de grande parte dos Ministros da Defesa e dos Chefes Militares daqueles países ao exercício de funções docentes e à selecção e concepção de projectos para efeitos de aprovação. No terreno, contando com grande número de sargentos e algumas praças, igualmente destacados, orientaram escolas de recrutas ou a formação de especialidades e participaram activamente na concretização dos projectos aprovados nas Comissões Mistas.

Muito brevemente, que o tempo escasseia, deixem-me relevar alguns:

= Emblemáticos - Em todos os PALOP: feitura do ordenamento jurídico-organizativo dos sistemas da Defesa Nacional e das Forças Armadas, tendo em conta o diferente quadro político, estratégico, militar, económico e financeiro de cada país. Em Angola: Instituto de Ensino Superior Militar, Escola de Aviação e Banda das Forças Armadas. Em Moçambique: Academia Militar e Grupo de Escolas da Marinha.

= Com interesse para a sociedade civil - Em Moçambique: Laboratório de Análises Clínicas no Hospital Militar do Maputo. Na Guiné: Marinha Nacional com duas Lanchas de Fiscalização construídas no Arsenal do Alfeite; Sistema de Comunicações Militares ligando Bissau às principais unidades no interior do país; Companhia de Construções (com formação de pedreiros, carpinteiros, serralheiros, pintores e electricistas); Centro de Manutenção e Reparação de Viaturas (com formação de mecânicos, bate-chapas, pintores,). Em S. Tomé e Príncipe: Sistema de Assinalamento Marítimo com a construção ou recuperação de todos os faróis e farolins do arquipélago; Pelotão de Construções (com formação de pedreiros, carpinteiros, pintores, electricistas).

= Criação de Unidades de Raiz Portuguesa FUZILEIROS, em Angola, Moçambique, na Guiné, e em Cabo Verde; COMANDOS, em Angola; FORÇAS ESPECIAIS em Moçambique; POLÍCIA MILITAR em Angola e em Moçambique.

Uma palavra final sobre a natureza das relações que se

estabeleceram entre militares portugueses e de países africanos de língua oficial portuguesa. Porque a Cooperação Técnico-Militar tinha carácter institucional, as relações entre a parte nacional e os interlocutores de cada PALOP, aliás e naturalmente também assim respondidas, foram sempre respeitáveis e respeitadas. Mas no decurso dos dias, fosse nas reuniões das Comissões Mistas ou no projecto menos relevante no terreno, o coração da História falou mais alto e marcou a atmosfera do relacionamento entre portugueses e angolanos, cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos e santomenses. E foi bonito de ver e sentir por todos os que tivemos o privilégio de participar na CTM, a total ausência de complexos, o diálogo sem reservas, o espírito de fraternidade, uma natural afectividade, a confiança olhos nos olhos, a cumplicidade até. Os militares, os de lá e os de cá, antigos combatentes ou das novas gerações, honrando os seus mortos que caíram nas guerras de África, reencontraram-se. E nesse reencontro, trilhando caminhos do futuro, sentiram-se irmãos «amarrados» por fortes laços que a História caldeou e herdeiros de uma herança comum de que as raízes profundas são a Cultura e a Língua Portuguesa. E em conjunto, lá e cá, fazem por merecer tal herança.



Tenho dito
António Gonçalves Ribeiro,
Ten-General (ref.)



HILÁRIO e FILHOS

Electricista Encartados

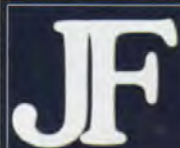
Desde 1971

**Todos os Trabalhos
Grandes e Pequenos**

(416) 716-3784

- Fully Licensed & Insured
- Affordable with Quality Workmanship
- Honest & Reliable, Locally Owned & Operated
- Licensed & Bonded Offering Upfront Pricing
- Panel Upgrades & Re-Wiring
- Free Estimates

24 Hour Emergency Service



ACCOUNTING SERVICES TAX ACCOUNTANT

- Contabilidade Comercial & Individual
 - Income Tax
 - Payroll
- Registos de Firmas
- Canada Pension
- Old Age Security
- Canada Pension Disability
 - W.S.I.B.
- Automobile Accident
- Serviço de Fotocópias
- Pensões

José I. Ferreira, P.A.

Tel.: (416) 534-0267
Pager: (416) 377-0513
joseferreira@look.ca

1227 Dundas St. W.
2nd Floor, Suite. 203
Toronto, ON M6J 1X6

Local 793

is proud to support the
**Ontario Association of
Portuguese Veterans**



BUSINESS MANAGER
Mike Gallagher

PRESIDENT
Joe Redshaw

IUOE LOCAL 793
2245 SPEERS ROAD
OAKVILLE, ONT.
L6L 6X8

WWW.IUOELocal793.ORG

905-469-9299
1-877-793-4863



Europa Heating & Air Conditioning

Ductless Air Conditioning • Custom Sheet Metal
Gas Lines • Humidifiers • Air Purifiers

RESIDENTIAL

COMMERCIAL



INDUSTRIAL

Free Estimates

1038 Dovercourt Road
Toronto, ON M6H 2X8
www.europaaair.net

Michael Barreto
T: 416 537-4296
info@europaaair.net



Europa Duct Cleaning

Commercial & Residential

Furnaces •
Air Ducts •
Air Conditioning •
Coils •
Dryer Vents •
Boilers •
Computer Rooms •

For a Free Estimate
Call Manuel or Mike

info@europaaair.net

416 536-DUCT (3828)

www.europaaair.net





*Viagens para todas
as partes do mundo*

Contato:
Tibério Branco



• Excursões • Charters • Income Tax
• Serviço consular • Traduções
• Aluguer de carros (Açores, Madeira e Continente)
• Tratamos de cargas Aéreas e Marítimas

Tel.: (416) 534-7515
Fax: (416) 534-3171
Toll Free: 1-877-829-5151
e-mail: alfamar@bellnet.ca
1171 Dundas St. West
Toronto, Ontario M6J 1X3






COURENSE
BAKERY & PASTRY

Tudo fresco & Delicioso!
Aberto 7 dias por semana - Internet grátis
Grande variedade de pão - Bolos de casamento

tel: **416.536.1522**
1014 Bloor St. W. Toronto, ON M6H 1M2
www.courensebakery.com info@courensebakery.com


Martins

Churrasqueira & Grill House



Procura uma refeição diferente?
Quer saborear a nossa gastronomia?
Gosta de comer e de beber bem?

Encontra os melhores vinhos
e a melhor cozinha Portuguesa!



605 ROGERS RD. UNIT # 1 TORONTO ON M6M 1B9
TEL.: 416-657-4343

Como começou a minha "Guerra"

Por Jose Goulart (JG)

Fui como quase todos da minha geração, e da minha ilha, chamado para o serviço militar, assentando praça no B117

Fui encontrar um mundo diferente, onde no meio da rigidez do serviço militar as peripécias aconteciam. Aqui vai uma, que me aconteceu logo no início desta minha "carreira"

Como soldado eu acreditava, e ainda acredito que as ordens que vêm de um superior eram para se cumprir, com honestidade, presunção e respeito. Mas, nem todos os militares pensavam da mesma maneira que eu.

Quando eu sentei praça o meu primeiro serviço foi fazer plantão a caserna desde às 7 da tarde às 7 da manhã seguinte. O furriel que estava de serviço, que eu nem sequer o conhecia, disse-me que quando passasse a ronda depois da meia-noite e visse alguma luz acesa eu é que seria castigado. Eu fiquei logo a pensar que lá iria apanhar com uma segunda carecada - a primeira, como todos os outros tinha sido a entrada para o quartelo. Bem, ordens são para se cumprir.

Os maçaricos que tinham tirado licença para ir para a cidade tinham 3 turnos para voltar para o quartel às 9, às 11 da noite e à 1 da manhã. Os que vieram para o quartel à meia-noite entendiam que deviam ter a luz acesa para se deitarem; e aqui começaram os problemas, porque eles acendiam a luz e eu ia atrás e apagava. Isto repetiu-se por duas vezes, mas a terceira, como diz o ditado, "o frade não leva três em capelo" eu resolvi usar a luz e com a ajuda de um militar mais antigo, que trouxe uma arma carregada para se fazer respeitar, pois o barulho era enorme e enquanto ele gritava *Ordens são para se cumprir*, eu tirei 32 números, que entreguei de manhã, antes de sair, ao furriel que me tinha dado as ordens.

Então, ele começou a chamar os números da lista, mandou-me forma-los e leva-los para o barbeiro. E aí fomos, esquerda, direita, esquerda, direita, e aí comecei a receber ameaças de morte, coisas que se dizem, especialmente daqueles que eram daquela ilha (Terceira) e que ao fim de semana iam ver a família e namoradas e sentiam-se envergonhados que os vissem com outra carecada. Chega-mos ao barbeiro que era mais antigo e que também costumava ir a casa nos fins de semana e já não pode ir porque teve que "limpar" 32 cabeças e claro por todo este trabalho também não ficou agradado



comigo. Mas eu pensei que ele se esquecerá da minha feição. Mas como mais tarde verifiquei estava enganado.

Uns tempos mais tarde, a bota do pé esquerdo criou-me uma empola num pé e por isso estava na cantina a espera que tocassem para formar. Não ouvi a corneta e foi o cantineiro que me chamou. Tarde demais, quando cheguei a parada já todos estavam formados, e por azar o furriel daquele dia era simpaticante dos carecas e não me autorizou a formar e em vez disso mandou-me para o barbeiro.

Claro o barbeiro, que era o mesmo do dia das carecadas, reconheceu-me logo e começou a rir. Sentou-me na cadeira, passou o cinto de amolar as navalhas da barba a volta da minha cintura e começou a fazer a cadeira rodar, depressa, ao mesmo tempo que com a máquina encostada a cabeça me ia cortando o cabelo. Cheguei a pensar que me cortava as orelhas.

Talvez ele pensou que tinha vingado os 32 carecados. Mas estes nunca se esqueceram de mim.



Este foi um dos episódios mais interessantes da minha vida militar. O pior estava para vir, e começou logo quando partimos, deixando para trás as famílias, sem termos a certeza que voltaríamos as nossas ilhas, rumando a Angola para cumprir o meu dever para com a Pátria. Foram 36 meses de martírio e sempre com o coração nas mãos de dia e pior de noite rezando a Deus por mim e por todos os meus companheiros da companhia 2674, lá pelas matas onde o sol castigava mais.

Apesar dos perigos, na minha companhia, infelizmente, apenas tivemos que lamentar uma morte, não em combate, mas por suicídio. Tivemos feridos em emboscadas, mas esses voltaram connosco para as suas famílias.



Jack's
BAKERY & PASTRY

*A sophisticated approach
to the art of bread
and pastry making*

352 Oakwood Ave,
Toronto

Eglinton Ave.
Rogers Rd.
St. Clair Avenue W.

Dufferin St. Oakwood Ave.

**OPEN
24
HOURS**

play here

416.654.1780

www.jacksbakery.ca info@jacksbakery.ca

a arte da
confeitaria

BAKERY PASTRY CATERING

**SWISS
CHALET**
ROTISSERIE & GRILL

HARVEY'S

It's a beautiful thing.®





TORONTO
2201 Finch Ave West Unit 20
(Finch & Arrow Road)
Tel: 416.741.3663

TORONTO
590 Keele St
(Keele/St. Clair)
Tel: 416.760.7893

VAUGHAN
3737 Rutherford Rd
(Rutherford Rd & Weston)
Tel: 905.264.4017

Joe & Andrew Amorim

Também lá estivemos a prestar Homenagem a esse Herói que mostrou que não é preciso ter armas para lutar contra a prepotência. Carlos Morgadinho conta'nos como foi...

O Nosso Herói, Aristides De Sousa Mendes, Homenageado Em Toronto

Por Carlos Morgadinho

De nome completo, Aristides de Sousa Mendes do Amaral e Abranches, nasceu em Cabanas de Viriato, Viseu, a 19 de Julho de 1885 tendo falecido, pobre e esquecido, no dia 3 de Abril de 1954, no Hospital da Ordem da Terceira, em Lisboa, tendo, por falta de fato tido como mortalha um hábito da Ordem dos Franciscanos. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra ingressou, logo depois, no corpo diplomático destacado em diversos países. Todavia foi enquanto no desempenho das funções de Cônsul-Geral de Portugal na cidade de Bordéus, durante a II Guerra Mundial, providenciou a fuga de pessoas perseguidas pelas forças Nazis que ocupavam a nação francesa, muitos dos quais de confissão judaica. É acreditado ter salvado mais de 30 mil refugiados passando visas para entrarem em Portugal desafiando, com este ato, as ordens previamente recebidas do então ditador da nação lusa, Oliveira Salazar.

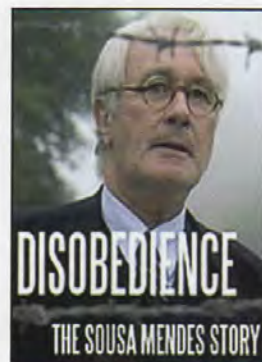


privado. Seus filhos, 14 no total, tiveram de emigrar para outras terras para sobreviver e frequentar os estudos superiores coisa quase impossível em Portugal pelas dificuldades financeiras dos pais ficando só em sua companhia a esposa e companheira inseparável, Maria Angelina Coelho de Sousa Mendes, que faleceu prematuramente em 1949, aos 60 anos de idade.

Após a Revolução de Abril, em 1974, e subsequentemente com a queda da ditadura em Portugal, foi possível reabilitar o nome, e a obra humanitária, daquele saudoso e injustiçado cidadão, Aristides de Sousa Mendes, tendo sido, embora a título póstumo, promovido a Embaixador e receber a mais alta condecoração portuguesa, a Ordem da Liberdade (1986) e a Cruz de Mérito (1998).



A sua coragem e determinação em desobedecer às ordens insensatas e desumanas do ditador Salazar trouxe-lhe, como já previa, a ira daquele chefe de estado da nação portuguesa tendo como paga pelo seu alto valor humanitário, o término compulsivo de 30 anos de função pública sem direito a pensão ou subvenções após tantos anos de carreira. Para agravar a situação foi-lhe revocado o direito de exercer advocacia em Portugal ou de lecionar no ensino publico ou



Portugal esquece os seus soldados

<http://www.destak.pt/opinioao/45489>

Há uns cinco anos, mais ou menos, lemos um editorial assinado pela jornalista Isabel Stilwell, a editora do matutino Destak em que comenta o ostracismo dos nossos combatentes do Ultramar. Muito interessante este artigo que com a devida vénia transcrevemos.

"Por toda a Europa celebraram-se ontem 91 anos sobre o fim da I Guerra Mundial e, no dia da Memória, como lhe chamam, homenagearam-se todos os que morreram em todas as guerras desde aí. Em França, o momento fez história, já que reuniu frente ao túmulo do soldado desconhecido, em Paris, os representantes de dois dos países que se confrontaram violentamente, Nicolas Sarkozy e Angela Merkel, numa iniciativa até aqui sempre recusada pelo governo alemão. Mas agora que, de cada lado do Reno, já não há veteranos do conflito, foi possível dar um passo de reconciliação. Na ocasião, Sarkozy puxou pelo seu lado mais sentimental lembrando que as crianças francesas e alemãs choraram da mesma forma pelos seus pais perdidos em combate.

No Reino Unido, a família real e os políticos multiplicaram-se em cerimónias, num ano igualmente simbólico, já que morreram recentemente os últimos três



veteranos da I Grande Guerra. Mas as manchetes dos jornais chamavam a atenção, sobretudo, para o conflito no Afeganistão, que emociona, agita e desespera a opinião pública britânica, quando já 223 ingleses ali perderam a vida, desde 2001, e a retirada não está à vista. Os caixões das fotografias de primeira página não eram amareladas pelo tempo. Estes acabaram de chegar...

Apenas dois depois das celebrações da queda do muro de Berlim, o contraste é a prova de que nem todos os muros caíram. Em Portugal recordamos pouco e temos uma dificuldade enorme em falar dos nossos soldados mortos no Ultramar, ou que ainda hoje sofrem sequelas profundas daqueles combates. Quando não recordamos, não homenageamos aqueles que deram a vida pelo seu país, roubamos sentido à dor e traímos-los. Os combatentes em África, por força de um volte-face político, não tiveram direito a ser tratados como heróis.

Fomos incapazes de distinguir a justeza da guerra (e há alguma que o seja?) com a generosidade de quem cumpriu o seu dever. E um país que não é capaz de recordar é, paradoxalmente, um país sem futuro."

POEMA

por José Catalarrana

Amigo português vou-te contar
Uma história deveras engraçada
Presta atenção para escutar
O que te vou dizer da Pátria amada

Desfolha o mapa-mundo com cuidado
E põe nele o teu senso bem profundo
E veras num cantinho abandonado
Um dos maiores países que há no mundo

Com as suas naus quase sempre a pique
Para descobrir coisas mil
Pois sem ele não haveria
Angola, Moçambique ou Brasil

Nem Cabo Verde, Açores ou Madeira
Estavam nesse mapa que tu vês
E para o mapa ser assim dessa maneira
Foi preciso ter nascido um português

Hoje e pobrezinho e não tem nada
Pois tudo lhe levaram afinal
Mas aí nesse cantinho abandonado
Esta um grande país que é PORTUGAL

Soldier's Remembrance

by Cpl Gonçalves 842

Our Brotherhood,
Death tried to break,
The horrors, the losses were hard to take.
To have, to love, and then to part,
Is the greatest sorrow of one's heart.
We stood are ground though broken and sore.
We kept on fighting till we won the war.
The years may wipe out many things,
But our soldiers pushed on and the birds still sing.
Like memories of those men long ago,
Here we still stand and never let go.

Going Away

by Cpl Gonçalves 842

I'm off to the army, and it kills me to go,
Knowing that you'll miss me as tears start to show.
Our love is powerful and our love will never break,
No matter what happens or the risks that I take.
I'll be missing you every second and every day,
Always wondering whether or not you're doing well or ok.
As I leave my head and heart begins to sore,
Leaving you behind is worse than any war.
No matter what happens or what I'm faced to do,
I'll always come home and never fail to love you.



As Direções Executivas da LIUNA Local 183,
do OPDC e do Corpo Administrativo do BPA
assim como todos os seus Representantes, Funcionários e Membros

Saúdam o
Ontario Association of Portuguese War Veterans
no lançamento da segunda revista
Combatente Ontario
em memória dos combatentes
portugueses e canadianos.

Desejamos o maior sucesso.

Jack Oliveira
Business Manager

Luis Camara
Secretary Treasurer

Bernardino Ferreira
Vice-President

Jaime Cortez
E-Board Member

Nelson Melo
President

Marcello Di Giovanni
Recording Secretary

Patrick Sheridan
E-Board Member

Head Office
1263 Wilson Avenue, Toronto ON M3M 3G3
416 241 1183 ph • 416 241 9845 fx
1 877 834 1183 toll free

Simcoe County Office
62 Commerce Park Drive Units D&E, Barrie ON L4N 8W8
705 735 9890 ph • 705 735 3479 fx
1 888 378 1183 toll free

Eastern Office
560 Dodge Street, Cobourg ON K9A 4K5
905 372 1183 ph • 905 372 7488 fx
1 866 261 1183 toll free



O nosso louvor a quem contribuiu para a construção do monumento.

LIGA DOS COMBATENTES DE PORTUGAL

ACADEMIA DO BACALHAU

ALBERTINO DOMINGUES e FAMÍLIA

ALFAMAR

ASSOCIAÇÃO DOS VETERANOS DE WINNIPEG

AUGUSTO PIRES

BENTO e ALDA SÃO JOSÉ

FERMA / UNIBEL

HORÁCIO DOMINGOS e FAMÍLIA

MANUEL DE PAULOS

ONTARIO PORTUGUESE WAR VETERANS

ROGÉRIO SILVA HENRIQUE

TIBÉRIO e ROSA BRANCO

ESTADO DAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

ÁLVARO SANTOS

ÁLVARO VIEIRA

AMÂNDIO CARNEIRO

ANABELA OLIVEIRA

ANTÓNIO BELAS

ANTÓNIO MARQUES VENTURA

ARMÉNIO COSTA

ARTUR DE JESUS

ARTUR SOUSA

AUGUSTO ANTÓNIO PIRES

DANIEL VIEIRA

DOMINGOS RITES

EUROPA DUCT CLEANING

FERNANDO MAIA

FLORIVAL SILVA

FRANCISCO OLIVEIRA

JOÃO MATEUS

JOÃO SANTOS

JOE PINHEIRO

JORGE FREITAS

JOSÉ BRITO

JOSÉ CATALARRANA

JOSÉ EDUARDO NUNES

JOSÉ FERREIRA

JOSÉ MARCAL

JÚLIO AZEVEDO

LOCAL 183

MANUEL BARRETO

MANUEL CUNHA

MANUEL SÁ

MANUEL TOMAS

MARCO BRANCO

MÁRIO BRANCO

MÁRIO GOMES

NICKS CARSTAR

ROGÉRIO HENRIQUES e FAMÍLIA

SÉRGIO AZEVEDO

VICTOR GALRÃO